

# DAS INTERVENÇÕES FONOAUDIOLÓGICAS NA EDUCAÇÃO ESPECIAL: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA.

REBELO, Ana Paula Schipmann<sup>1</sup>

AMARAL, Aline Pedroni do<sup>2</sup>

DELAZERI, Fernanda<sup>2</sup>

RAUEN, Nadia Luiza<sup>2</sup>

## INTRODUÇÃO

No segundo semestre do ano de 2002, a matriz curricular número V do Curso de Fonoaudiologia da Universidade do Vale do Itajaí – UNIVALI, implantou o Estágio Supervisionado em Fonoaudiologia na Educação Especial, o qual faz parte do Setor de Fonoaudiologia Preventiva (SEPREV), sendo desenvolvido com os usuários do Setor de Atendimento à Pessoa Surda (SAPS) e utilizando as dependências do Setor de Fonoaudiologia Clínica da UNIVALI (CLIFO).

O referido estágio é desenvolvido por cinco estagiários do 8º período do Curso de Fonoaudiologia sob a supervisão de uma Professora Fonoaudióloga.

Neste estágio utiliza-se como estratégias de ensino atividades teóricas e práticas, sendo que as atividades práticas são desenvolvidas em quatro programas, que são: Programa de Atendimento Terapêutico aos Usuários Surdos do SAPS, Programa de Intervenção Fonoaudiológica nas Atividades Pedagógicas do SAPS, Programa de Atendimento a Pais e Familiares dos usuários do SAPS e Programa de Intervenção Fonoaudiológica a Professores do SAPS.

Acrescenta-se que neste artigo, o enfoque principal estará voltado para o Programa de Atendimento Terapêutico e Programa de Intervenção Fonoaudiológica a Professores do SAPS.

---

<sup>1</sup> Fonoaudióloga, Professora do curso de Fonoaudiologia da UNIVALI.

<sup>2</sup> Alunas de Fonoaudiologia da UNIVALI.

## PROGRAMA DE ATENDIMENTO TERAPÊUTICO AOS USUÁRIOS SURDOS DO SAPS

Este programa visa a aquisição e desenvolvimento da linguagem oral e escrita dos usuários surdos do Setor de Fonoaudiologia em que cada estagiário presta atendimento clínico individual ou em grupo aos sujeitos surdos.

O atendimento clínico individual inicialmente foi realizado por uma estagiária, no período de duas vezes por semana, sendo que a paciente tratava-se de um bebê de 9 meses, com perda auditiva de grau severo a profundo.

Com relação ao atendimento individual, Bevilacqua e Formigoni (1998:71) ressaltam que "é de atendimento ideal durante os primeiros anos de vida (de zero a dois ou três anos) para crianças com perdas severas ou profundas. Nessa fase do desenvolvimento infantil o atendimento individual deve existir por uma série de razões".

As terapias fonoaudiológicas individuais tinham como objetivo, num primeiro momento, a apresentação do meio sonoro para a criança, como forma de detecção e apresentação do som, considerando que a paciente passou a utilizar o aparelho de amplificação sonora individual no mesmo período em que o atendimento clínico era realizado. Concomitantemente ao trabalho de detecção sonora priorizou-se o desenvolvimento da linguagem oral.

Conforme sinaliza Bevilacqua e Formigoni (1998:50) "a detecção auditiva é a primeira habilidade a ser desenvolvida. É básica, fundamental para que a criança possa adquirir as demais".

Salienta-se que o aparelho auditivo utilizado pela paciente tratava-se de um empréstimo realizado pelo Setor de Audiologia Clínica (SEDAU), pois a mesma estava realizando o processo de seleção, adaptação e indicação do AASI neste local.

Campos, et al (1996, p. 38) afirmam que "as crianças devem ser adaptadas com uma prótese auditiva, o mais precocemente possível, tão logo o diagnóstico de deficiência auditiva tenha sido efetuado, evitando os efeitos da privação sensorial sobre o desenvolvimento global e de linguagem".

Para o trabalho realizado com a paciente, os principais materiais utilizados nas sessões fonoaudiológicas foram o aparelho de som, juntamente com um CD infantil, um volante sonoro, flautas, cornetas e bonecas, enfatizando que a terapia ocorria sempre através do lúdico.

De acordo com Fernandes (1995) o jogo é o principal mediador dessa interação, especialmente porque a atividade lúdica permite que haja significados compartilhados e que podem ser expressos de diferentes formas. O

terapeuta, assim, utiliza todas as possibilidades de expressão e contato (gestos, fala, expressões faciais, representações...) na tentativa de envolver a criança na atividade e de apresentar a ela as possibilidades de interação.

Souza (2000) salienta que o brincar é a oportunidade de desenvolvimento. Brincando, a criança experimenta, descobre, inventa, aprende e confere habilidades. Além de estimular a curiosidade, a autoconfiança e autonomia, proporciona o desenvolvimento da linguagem, do pensamento, da concentração e da atenção. Brincar é indispensável à saúde física, emocional e intelectual da criança. Irá contribuir, no futuro, para a eficiência e o equilíbrio do adulto.

Nessa perspectiva, conforme Pisaneschi (1997) na clínica fonoaudiológica esta situação se reproduz com as nuances próprias da situação terapêutica que é de intervenção. Não se recusa a idéia de que com crianças a terapia tem como condição necessária o brincar.

Quanto ao atendimento em grupo, este foi realizado por quatro estagiárias, sendo que duas atendiam dois pacientes, que neste artigo serão referenciados como Grupo A e Grupo B, e as outras duas atendiam três pacientes, referenciados como Grupo C e Grupo D, numa mesma sessão, duas vezes por semana.

Conforme Santos (*apud* HUGENNEYER et al, 2000, p.20)

com o desenvolvimento do processo terapêutico contextualizado em grupo, temos a possibilidade de que, nas relações com os outros, cada participante se perceba como produtor de linguagem verbal, à medida que vai conhecendo suas possibilidades de comunicação e as dos outros participantes. Assim, no processo terapêutico, a criança acompanhada por outros pares tem a possibilidade de compreender como as relações que vão estabelecendo implicam em sua forma de comunicar. A terapeuta tem o papel de facilitar, através de suas intervenções, a compreensão deste processo de constituição de linguagem, que implica na percepção de si e do outro como sujeito.

Segundo Lores (2000: 48)

para que qualquer trabalho em grupo seja possível, é necessário que se configurem um enquadre grupal, ou seja, um tipo característico de funcionamento, que permita que os componentes tenham um movimento no grupo, de modo, que suas dificuldades, necessidades e expectativas possam emergir.

As situações lúdicas são criadas de maneira criativa, visto que os pacientes demonstram interesse pelas atividades mais livres, de forma que eles possam estar se expressando por meio da linguagem, manifestações tão complexa que mescla expressão oral, corporal, olhares, gestos, entre outros.

Segundo Bevilacqua e Formigoni (1998) para a montagem de um grupo, necessita-se de alguns critérios que devem ser observados, tais como: idade, habilidade auditiva, habilidade de comunicação, nível de interesse e desenvolvimento da criança, número de crianças.

O ideal, ao se montar um grupo, é levar em consideração interesse, habilidade auditiva e habilidade de comunicação dos integrantes, nivelando-se sempre o grupo por cima. Assim, a criança que está com o desenvolvimento mais avançado irá facilitar o desenvolvimento daquela que apresenta um ritmo de desenvolvimento mais lento. Portanto, não pode haver muita defasagem, como a de uma criança do grupo ter fluência verbal e as demais não falarem (BEVILACQUA & FORMIGONI, 1998: 75).

As crianças atendidas, nos respectivos grupos, enquadravam-se nos critérios para a montagem dos mesmos citados acima.

O Grupo A era composto por duas crianças do sexo feminino, com idade de quatro anos, e perda auditiva do tipo neurossensorial de grau profundo, ambas utilizando AASI bilateralmente.

O Grupo B foi formado por duas crianças do sexo masculino, com idade de seis e nove anos, e perda auditiva do tipo neurossensorial de grau severo e profundo respectivamente, sendo que apenas uma delas utilizava o AASI em ambas as orelhas. Contudo, no decorrer dos atendimentos, foi observado que este grupo não estava sendo efetivo, visto que a diferença de idade dos pacientes era significativa, bem como a subjetividade, o que levou a separação do grupo, sendo que as crianças passaram a ser atendidas individualmente uma vez por semana.

Segundo Salles (2001), a clínica fonoaudiológica requer do terapeuta um constante redimensionamento de seu papel, obviamente em função da particularidade de cada caso. A situação terapêutica, permeada por aspectos bastante peculiares, merece maior atenção no que diz respeito à descoberta do "funcionamento" de cada criança nas atividades e nas relações estabelecidas com o terapeuta.

É neste sentido que se configura a relação terapeuta e paciente, conforme o dizer de Millan (1992), a clínica remete ao fonoaudiólogo

defrontar-se com o desconhecido, implicando assim, numa total disponibilidade para enfrentar o inédito.

O Grupo C, por sua vez, tinha três crianças do sexo feminino, com idade de sete, oito e nove anos, e perda auditiva do tipo neurosensorial de grau moderado e profundo respectivamente, sendo que todas utilizavam o AASI em ambas as orelhas.

Por fim, o Grupo D, era composto de três crianças do sexo masculino, com idade de quatro e seis anos, e perda auditiva do tipo neurosensorial de grau moderado e profundo respectivamente, sendo que apenas um dos pacientes utilizava o AASI nas duas orelhas.

Com relação às atividades fonoaudiológicas desenvolvidas, priorizou-se o trabalho do desenvolvimento da linguagem oral, sendo que para isso fazia-se uso da Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) e as pistas táteis, visuais e sinestésicas (elaboradas pela equipe técnica pedagógica e coordenação do SAPS) para auxiliar na oralização.

Ao longo das atividades, enfocava-se a leitura orofacial, visto que este é um dos recursos que possibilita a compreensão da fala pelas crianças surdas. Boéchat (1992) refere que a leitura orofacial incorpora todos os processos faciais necessários para a compreensão da mensagem falada, considerando-se assim, uma estratégia facilitadora da comunicação.

As atividades aconteciam por meio de situações lúdicas, e dentre as estratégias utilizadas para o desenvolvimento do trabalho destacam-se livros de história infantil, jogos, dramatizações, desenhos e pinturas, sendo que sempre estava sendo envolvida de alguma forma a questão da escrita dos pacientes.

Hugencyer et al (2000) referem que a terapia em grupo pode ser conduzida de diferentes maneiras, dependendo da concepção de sujeito, de linguagem e de clínica que o terapeuta que estará conduzindo tal processo possui.

De acordo com Carnio et al (2000) a relação entre linguagem e leitura/escrita se dá à medida que quanto maior a base lingüística do indivíduo, maior será sua facilidade para desenvolver a língua escrita. Sendo assim, vê-se a importância de colocar a criança surda em contato com a comunidade lingüística, facilitando assim o desenvolvimento da linguagem escrita.

Para Carmo (2001), a leitura e a escrita são as maiores dificuldades encontradas por essas crianças (com deficiência auditiva), tanto na escola comum como na escola especializada em distúrbios de desenvolvimento, muito embora sejam observadas dificuldades nas demais áreas do ensino elementar. Para que seja utilizado de maneira funcional no cotidiano social, o conteúdo do ensino elementar precisa ser trabalhado dentro de um contexto pragmático, realizando sínteses de significados.

Com relação ao uso dos livros de histórias infantis, estes foram utilizados acreditando-se na importância de colocar os pacientes em contato com a literatura, material este que desperta a curiosidade e acima de tudo abre-se um espaço para que a linguagem escrita possa estar sendo "visualizada" e compreendida enquanto função social.

Como ressalta Machado (1999), a escrita compreende uma construção de significados, cujo papel do fonoaudiólogo deve estar voltado para os seus usos sociais.

Para finalizar, apesar de terem sido enfrentadas algumas dificuldades, ocorreu um bom estabelecimento do vínculo entre as terapeutas e os pacientes, visto que, relação terapêutica com os mesmos foi acontecendo de forma positiva e acreditando-se que o vínculo estabelecido com estes proporcionou a efetividade dos atendimentos. Nesse sentido, Pellicciotti e Micheletti (1999) referem a relevância para o desenvolvimento do trabalho do fonoaudiólogo o forte estabelecimento do vínculo e a indiscutível inter-relação do indivíduo com seu contexto.

## PROGRAMA DE INTERVENÇÃO FONOAUDIOLÓGICA A PROFESSORES DO SAPS

Este programa visa a integração dos estagiários do 8º período do Curso de Fonoaudiologia com os professores do SAPS, por meio de atividades que permitam a troca de experiência entre as duas partes.

No referido programa, as estagiárias elaboraram, propuseram e executaram atividades com os professores, visando a reflexão sobre as diferentes abordagens teórico práticas acerca do desenvolvimento da comunicação oral e escrita dos sujeitos surdos.

Esta intervenção era realizada com duas professoras do SAPS, e os encontros aconteciam quinzenalmente no período de uma hora, sendo que para estes encontros estavam previstas cinco temáticas, que foram: O Fonoaudiólogo e a Escola; O Fonoaudiólogo com a Criança Surda; Avaliação Auditiva e AASI; Impostação de Fonemas e O Brincar na Terapia Fonoaudiológica. Ressalta-se que no último encontro foi realizada uma dinâmica de encerramento e estava previsto a apresentação de um vídeo com os trabalhos realizados em sala de aula bem como as terapias, contudo, pela falta de tempo, o vídeo foi apresentado apenas pela professora/supervisora do estágio em um outro momento.

É importante mencionar que no decorrer das intervenções e da apresentação das temáticas, havia sempre a discussão do assunto apresentado, relacionando o mesmo com as práticas desenvolvidas pelas professoras e pelas estagiárias, havendo assim a troca de experiência desejada.

Tais discussões contribuíam com a temática, 'reforçando' que o trabalho integrado com os profissionais que atuam junto às crianças surdas é possível e os resultados desta integração favorecem o desenvolvimento das mesmas.

A atuação do fonoaudiólogo na escola aponta para um caminho, onde, juntamente com o professor, possamos compartilhar um espaço, confrontar objetivos, vivenciar seus êxitos e dificuldades e, trocar idéias que surjam dessa experiência vivida a dois, assumindo o seu real papel no fazer educacional (OLIVEIRA e OLIVEIRA, 1995).

Esta interação com os professores, favorece o bom desenvolvimento do trabalho clínico realizado pelo fonoaudiólogo, pois como afirmam Pellicciotti e Micheletti (1999:57) para o atendimento clínico, não basta a abrangente formação do fonoaudiólogo, torna-se obrigatória não só a competência profissional no atendimento, como também é essencial a interação com a família, a escola e outros profissionais envolvidos. "A criança é vista sempre como ser global e ativo, inserido em diferentes contextos (família, escola, sociedade) onde estabelece uma dialética relacional e que reflete todas as suas ações".

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do que foi exposto neste artigo acredita-se que a fonoaudiologia atuando na educação especial, possibilita ao fonoaudiólogo realizar novos trabalhos de intervenção que favorecem o desenvolvimento da linguagem pelas crianças surdas, ou seja, o atendimento individual, em grupo, atuando junto a professores e desenvolvendo trabalhos em conjunto com estes profissionais.

Vê-se que esta nova proposta de atuação, junto as crianças surdas, oferecida pelo Estágio Supervisionado em Fonoaudiologia na Educação Especial é um diferencial na formação do acadêmico, visto que prepara os mesmos para um vasto mercado de trabalho, bem como, possibilitou aos estagiários passarem a acreditar que o trabalho com crianças surdas é efetivo e muito gratificante, pois a cada encontro observa-se uma nova evolução destas crianças.

De acordo com Goldfeld (1998) não podemos ter um nível de expectativa menor que com as crianças surdas, o índice de expectativa deve ser o mesmo das crianças ouvintes. Ainda a autora acrescenta que é importante ficarmos atenta quanto a atenção dessas crianças, memória, capacidade de abstração, nível de generalização dos conceitos utilizados e compreendidos, entre outros aspectos, não restringindo apenas a fala e a linguagem.

Menciona-se que as potencialidades apresentadas pelas crianças atendidas, puderam ser visualizadas ao longo do trabalho, denotando a importância de se estar apostando nestes pacientes, desejando inicialmente que o trabalho possa oferecer resultados, uma vez que se aposta no desenvolvimento da linguagem oral, a partir do trabalho que se está fazendo de estimulação.

Por fim, acredita-se que "a linguagem permeia o conhecimento do indivíduo, fortalece e concretiza seu universo. Contudo, a comunicação não está apenas com intenção de transmitir uma informação, ela também carrega sentimentos: emoções que, sem dúvida, foram trabalhadas no processo de socialização" (MEDEIROS; LEVY, 1999, p. 100).

Salienta-se ainda que, o objetivo de trabalhar com a criança deficiente auditiva segundo Ross (apud ROSLYING-JENSEN, 2001), é de darmos a essas crianças a oportunidade de entrar no mundo sonoro, de utilizar ao máximo seu potencial, apesar do grau da perda auditiva. Um dia as crianças que hoje estão iniciando um trabalho vão crescer e serão responsáveis, capazes de tomar suas próprias decisões. É este seu percurso natural.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BEVILACQUA, M.C & FORMIGONI, G.M.P. **Audiologia Educacional: Uma Opção Terapêutica para a criança deficiente auditiva**. 2º ed. São Paulo: Pró-Fono, 1998.

BOECHAT, E.M. **Ouvir sob o prima da estratégia**. 1992, 124 f. Dissertação [Mestrado em Distúrbios da comunicação] . PUC-SP.

CAMPOS, C. A. H.; et al. **Indicação, Seleção e Adaptação de Próteses Auditivas: Princípios Gerais**. IN: ALMEIDA, K. e IORIO, M. C. M. **Próteses Auditivas: Fundamentos Teóricos e Aplicações Técnicas**. São Paulo: Lovise. 1996.

CARMO, S.M. O Período Escolar. In: FONSECA, V.R.J.R.M. (orgs). **Surdez e Deficiência Auditiva: a trajetória da infância à idade adulta**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001.

CARNIO, M.S.; COUTO, M.I.V.; LICHTIG, I. Linguagem e surdez. In : LACERDA, C.B.F et al. (org) **Fonoaudiologia: surdez e abordagem bilíngüe**. São Paulo: Plexus, 2000.

FERNANDES, F.D.M. terapia de linguagem. In: FERNANDES, F.D.M. et al. **Fonoaudiologia em distúrbios psiquiátricos da infância**. São Paulo: Louise, 1995.

GOLDFELD, M. Surdez. In: \_\_\_\_\_. **Fundamentos em Fonoaudiologia – Linguagem**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1998.

HUGENNEYER, A.G.; OLIVEIRA, S.M.R. P. Terapia fonoaudiológica em grupo: um caminho possível. **Revista da Sociedade Brasileira de Fonoaudiologia - Ano4-Nº6-jun/2000**.

LORES, C. Grupo de Crianças e de Familiares: uma perspectiva de atuação fonoaudiológica em unidade básica de saúde. São Paulo: 2000. [Dissertação de Mestrado em Distúrbios da Comunicação]. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.

MACHADO, N.A.F. **A inter-relação psicopedagogia-fonoaudiologia na avaliação das dificuldades em linguagem escrita**. 1999, 58 f. Monografia (Especialização em psicopedagogia). Universidade do Vale do Itajaí, Santa Catarina.

MEDEIROS, S.P.; LEVY, C.C. Detalhes da Vida: A Busca do Crescimento Interior. In: SIMONETTI, P.; LEVY, C.C. **O Surdo em si Maior**. São Paulo: Rocca, 1999.

MILLAN, B. A Clínica Fonoaudiológica: reflexões sobre a questão das crianças com fissuras labiopalatinas. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 1992. Dissertação de Mestrado.

OLIVEIRA, M.A & OLIVEIRA, P.S. Fonoaudiologia Escolar: colaboração X participação ativa. In: MARCHESAN, I.Q. et al. **Tópicos em Fonoaudiologia**. São Paulo: Lovise, 2000.

PERROTA, C. et al. **Histórias de contar e de escrever: a linguagem no cotidiano.** São Paulo: Summus, 1995.

PELLICCIOTTI, T.H.F. & MICHELETTI, C.S.C. A importância da interação entre o fonoaudiólogo e a escola no atendimento clínico. In: GIROTO, C.R.M. **Perspectivas atuais da fonoaudiologia na escola.** São Paulo: Plexus, 1999.

PISANESCHI, E. O Jogo: A Teoria e a Prática. In: LIER – De VITTO, M. F. (org). **Fonoaudiologia: No sentido da linguagem.** 2. ed. São Paulo: Cortez, 1997. cap. 2. p. 39 – 48.

ROSLYING-JENSEN, A. M. A. O Comportamento Fonoaudiológico de Crianças Surdas e Deficientes Auditivas no Contexto Familiar. IN: FONSECA, V. R. J. R. M. (org). **Surdez e Deficiência Auditiva: A Trajetória à Idade Adulta.** São Paulo: Casa do Psicólogo. 2001.

SALLES, F.B.de C. Processo terapêutico fonoaudiológico: um enfoque para a relação terapeuta-paciente. **Distúrbios da Comunicação.** V.13. N°1. EDUC -Editora da PUC-SP, 2001.

SOUZA, M.R.S. **A Importância do Lúdico no Desenvolvimento da Criança.** 10/2000. Disponível em: [www.nib.unicamp.br](http://www.nib.unicamp.br). Acesso em: 08/10/2000.